

CPI afeta bolsa e faz dólar subir

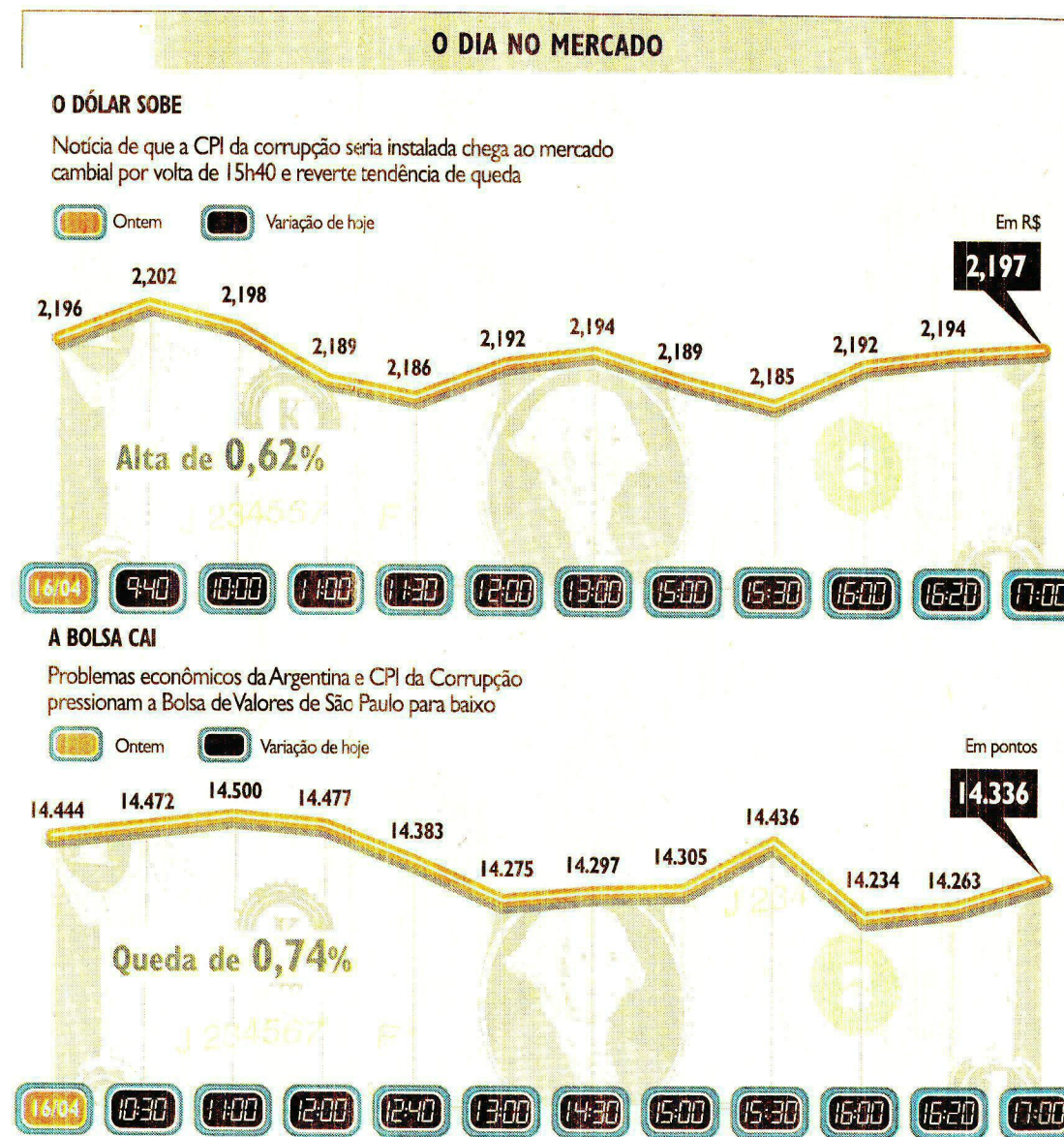
Da Redação
Com agências JB, Estado e FP

A maioria dos analistas do mercado financeiro brasileiro aposta que o Comitê de Política Monetária do Banco Central vai elevar a taxa básica de juros de 15,75% para 16,50% ao ano hoje, uma alta de 0,75 ponto percentual. Há também quem acredite num salto menor, de meio ponto percentual. O ex-presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, há dois dias tinha dúvidas sobre a mudança nos juros, mas após a disparada do dólar passou a acreditar na elevação. "Para atingir a meta de inflação de 4% neste ano, o BC será forçado a tomar medidas drásticas", avalia. A alta do dólar está elevando os preços dos produtos importados e uma forma de combater isso é elevar os juros para que os brasileiros invistam mais e comprem menos. Difícil é encontrar quem aposte na ma-

nutenção da taxa atual depois do que aconteceu ontem.

O valor do dólar voltou a subir e fechou o dia valendo R\$ 2,197, novo recorde desde a criação do real, em julho de 1994. Mais uma vez o Banco Central manteve-se distante do nervosismo, causado pela notícia de que a oposição ao governo Fernando Henrique conseguiu, no Senado, as 27 assinaturas que precisava para instalar a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção. "O dólar só não fechou num nível ainda mais alto, porque a maioria do mercado acredita que a CPI não será aprovada na Câmara", comenta o diretor-adjunto de Tesouraria do BBV Banco, Fidel Alves de Araújo. Ele entende que a notícia abortou qualquer redução mais forte do dólar e que a pressão sobre o câmbio será mantida.

A Bolsa de Valores de São Paulo também entrou na dança. Abalada pelo clima político e



pelos problemas econômicos da Argentina, fechou em baixa de 0,74%. O dia no mercado financeiro foi atípico. Começou razoavelmente calmo, depois da devastação do dia anterior, e

terminou inseguro. A bolsa chegou estar em alta de 0,73%, pouco antes das 11h. Ao meio-dia, entretanto, o barco virou. As compras de ações se foram e a alta transformou-se em baixa de

0,04%. A queda se acentuou até 1,3% por volta das 13h, ensaiou uma reação, mas voltou a despencar e se reanimava quando o pregão terminou.

No mercado de câmbio, a mes-

missima esquizofrenia. Quando os negócios abriram, às 9h30, a taxa deu um pulo, batendo em R\$ 2,20. Depois começou a recuar. Às 15h30, pouco antes da confirmação de que os senadores Cacildo Maldaner (PMDB-SC) e Amir Lando (PMDB-RO) haviam assinado o requerimento da CPI, os bancos negociavam dólares a R\$ 2,185. A confiança se foi e a taxa de câmbio também. Resultado: R\$ 2,197 e novo recorde do real.

BOATO AO MEIO DIA

Um boato sobre a Argentina, por volta do meio-dia, ajudou a tumultuar o dia. A bolsa brasileira operava em alta quando começou a circular a notícia de que o G-7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo) iria aprovar um pacote de US\$ 12 bilhões para socorrer a economia argentina. Mas era só boato e, ao contrário dos últimos meses, a bolsa brasileira não foi atrás das americanas. O índice Nasdaq subiu 0,71% e o Dow Jones, principal indicador da Bolsa de Nova York, teve alta de 0,57% (leia reportagem na página 16).

Diante desses fatos, o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, acredita que a taxa básica de juros deve subir entre 0,5 e 0,75 ponto percentual, mas a pressão cambial não será amenizada. Para ele, o valor do dólar só cairia se a "pancada sobre os juros fosse ainda maior". Mas ele descarta essa possibilidade diante do custo da medida para o próprio governo, que tem parte de sua dívida vinculada à moeda norte-americana.